

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HISTORIADORES EM ACERVOS: O FASCÍNIO E OS DESAFIOS DO TRABALHO NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA

Luciana Cristina Pinto
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
lucristina22@gmail.com

Resumo

O objetivo é refletir sobre o trabalho do historiador em Acervos, especificamente no Centro de documentação e pesquisa em História (CDPH), sob a guarda do Departamento de História, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). De modo geral, os historiadores que trabalham em lugares de guarda e conservação de documentos históricos fazem: a higienização, organização e catalogação, e em paralelo, refletem além destes processos, ou seja, quando um historiador se dedica nessas atividades de extrema importância, fica evidente que as informações dos documentos são campo fértil para a pesquisa em história. O acervo do CDPH/UEPG foi criado com a aquisição de documentos de fundamental importância para a história da região: em 1995, com a aquisição do acervo documental do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), e inicialmente foi denominado Sala do Acervo Centro Cultural Euclides da Cunha; foi ampliado em 1997, com a doação, feita pelo do Fórum de Ponta Grossa, dos processos-crime da 1ª Vara criminal (1884-1976); e em 1998, com a chegada do acervo do intelectual Faris Michaele (1911-1977), entusiasta e fundador do CCEC. Muitos outros documentos foram compondo o acervo, como o Jornal da Manhã, recebido em 2008, com exemplares de 1954 a 2007. Em 2009, o referido acervo saiu das dependências do Campus Central da UEPG, e foi instalado no Campus de Uvaranas, por conta da transferência do curso de História, para um espaço mais apropriado. Nesse momento, o acervo passou a se chamar Centro de Documentação e Pesquisa em História da UEPG. Trabalhar com e manusear os documentos é fonte de inspiração diária, porque percebemos o potencial nos diversos suportes que carregam as marcas do tempo, resistindo com informações valiosas que atravessam gerações. Com relação aos desafios dos profissionais de Acervos, pensamos no quanto precisamos nos reinventar, tanto no diálogo constante com outras áreas do conhecimento, como a biblioteconomia e a arquivologia, quanto na luta por melhores condições e reconhecimento na profissão, na busca constante por preservar as informações e facilitar o acesso para os pesquisadores. Convém lembrar que o trabalho diário com pesquisadores, estagiários, professores e público em geral enriquece a experiência pessoal e profissional.

Palavras-chave: Historiadores, Acervos, Centro de Documentação e Pesquisa.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HISTORIADORES EM ACERVOS: O FASCÍNIO E OS DESAFIOS DO TRABALHO NO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA

Luciana Cristina Pinto¹
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
lucristina22@gmail.com

Introdução

Instituições de guarda e seus documentos históricos em chamas. Acontecimentos desse tipo invertem a cena da preservação e conservação dos vestígios do passado, de todo o esforço dos profissionais que atuam dentro destes lugares que, além de cuidados técnicos com a documentação, buscam facilitar o acesso de estudantes e pesquisadores no desenvolvimento de suas pesquisas e produção do conhecimento.

Em 2018, ocorreu um incêndio no Museu Nacional do Rio de Janeiro. No ano de 2019, o alvo foi o Museu de História Natural da UFMG. Recentemente, em julho de 2021, vimos nos canais de comunicação a triste imagem do fogo consumindo o acervo da Cinemateca de São Paulo. Esse quadro se repete porque as instituições não recebem o devido apoio com relação a segurança e prevenção de incêndios. Muitos lugares estão com as instalações elétricas muito antigas, o que pode comprometer a integridade dos locais.

De maneira geral, nós que trabalhamos com acervos, dentro das possibilidades, buscamos diariamente estratégias de prevenção dos documentos como: controle de temperatura, protegê-los do sol, pensar a questão do espaço físico, como acomodá-los de forma adequada para não os deixar no chão, conferir se existem goteiras e/ou infiltrações, controle de resíduos; ainda assim, são procedimentos necessários, mas básicos e infelizmente, não são suficientes com relação às estruturas prediais, que exigem profissionais de outras áreas.

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

De forma específica, o Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sob a guarda do Departamento de História (DEHIS) da referida instituição, possui três amplas salas que periodicamente passam por supervisão dos profissionais de segurança, dos responsáveis técnicos, dos professores do DEHIS. Uma força tarefa que exige atenção de todas as partes porque possuímos exemplares únicos, documentos que sobreviveram à ação do tempo, muitos ainda esperando o seu historiador.

Breve histórico

Criado em 1995, com a aquisição do acervo documental do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC), o espaço, localizado no Campus Central da UEPG, foi inicialmente denominado Sala do Acervo Centro Cultural Euclides da Cunha. Foi ampliado em 1997, quando aconteceu a doação, feita pelo Fórum de Ponta Grossa, dos processos-crime da 1ª Vara criminal (1884-1976); e em 1998, com a chegada do acervo do intelectual Faris Michaele (1911-1977), entusiasta e fundador do CCEC. Muitos outros documentos foram compondo o acervo, como o Jornal da Manhã, recebido em 2008, com exemplares de 1954 a 2007. Até que, em 2009, o referido acervo saiu das dependências do Campus Central e foi instalado noutro campus da mesma Instituição de Ensino superior, o Campus de Uvaranas, por conta da transferência do curso de História, que passou a usufruir de um espaço mais apropriado. Nesse momento, o acervo passou a se chamar Centro de Documentação e Pesquisa em História – UEPG. (CDPH, 2018).

Quando um profissional da área de História decide seguir o percurso de trabalhar com acervos em Arquivos, Museus, Bibliotecas ou Centros de Documentação, já precisa saber a priori que não será um caminho fácil: são vários os motivos desta afirmação, mas vou elencar apenas alguns: a falta de concursos públicos que priorizem esses profissionais; a baixa remuneração e a falta de valorização e reconhecimento, em geral, devido ao desconhecimento do real trabalho que estes profissionais fazem diariamente dentro dos lugares de memória, visto que o trabalho é, muitas vezes, interno, com as portas fechadas, como na higienização dos documentos, limpeza das

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

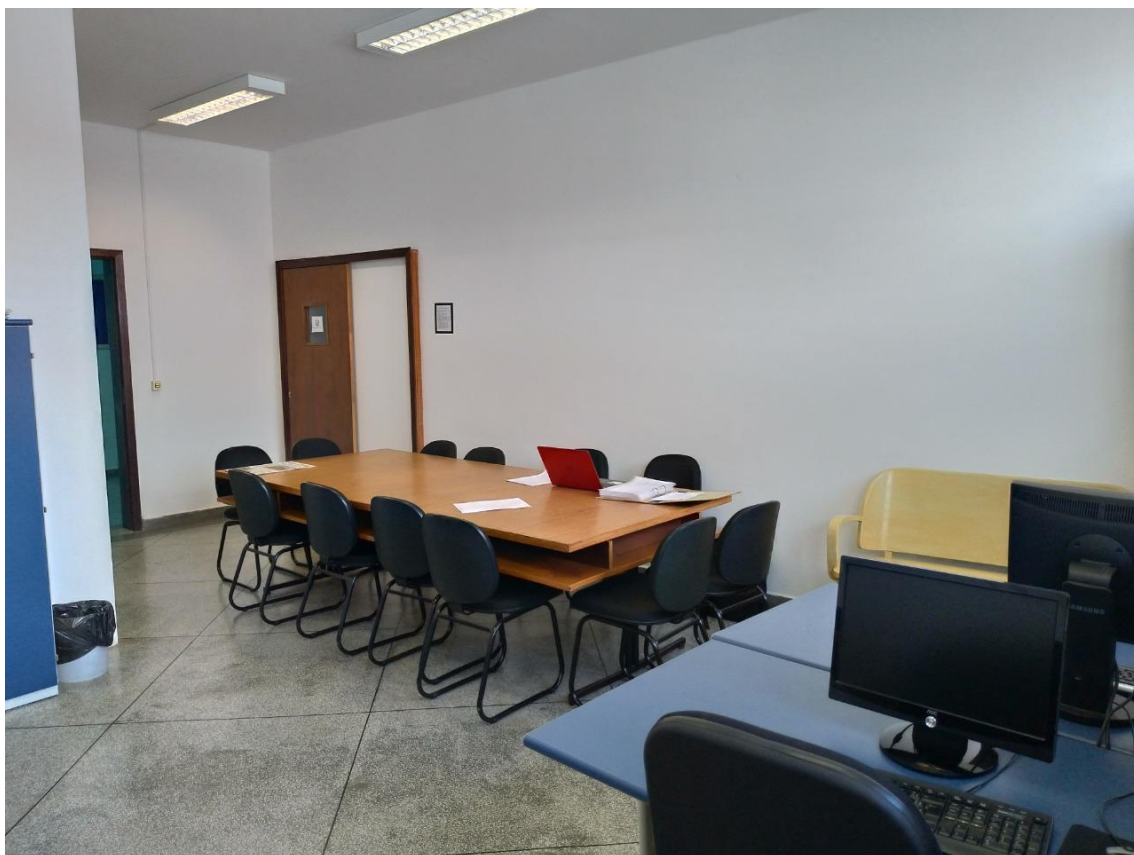
estantes, e organização do espaço que muitas vezes é insuficiente para acomodar os documentos; além disso tudo, é preciso considerar os futuros desafios do trabalho em Acervos, pós-pandemia da Covid-19.

Convém ressaltar que todos os documentos precisam passar pela higienização, essa atividade é fundamental para conservação dos mesmos e garante sua longevidade, pois nesta etapa todos os grampos e clips de metal são retirados, assim como os vestígios de sujeira acumulada com o tempo.

O processo de limpeza de acervos de bibliotecas e arquivos se restringe à limpeza de superfície e, portanto, é mecânica, feita a seco. A técnica é aplicada com o objetivo de reduzir poeira, partículas sólidas, incrustações, resíduos de excrementos de insetos ou outros depósitos de superfície. Nesse processo, não se usam solventes. A limpeza de superfície é uma etapa independente de qualquer tratamento mais intenso de conservação; é, porém, sempre a primeira etapa a ser realizada. (CASSARES; MOI, 2000, p. 27)

O referido Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH) possui três salas nas dependências da Central de Salas de aula, no Campus de Uvaranas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Sala de pesquisa do CDPH/UEPG, Thalia Almeida, 2019.

A primeira sala é de acesso livre para os profissionais, pesquisadores, estudantes e público em geral. Neste espaço, os interessados podem consultar os catálogos impressos com informações sobre os documentos, munidos com máscaras e luvas obrigatórias para o manuseio de qualquer tipo documental. Como nos demais ambientes de guarda, não é permitido comidas e bebidas. A intenção sempre será a manutenção e a integridade das informações dos documentos, muitos dos quais são exemplares raros e por isso o pesquisador deve ter o máximo de cuidado ao consultá-los.

A segunda e a terceira salas do CDPH são de acesso restrito para os funcionários e estagiários, podendo ser visitada por professores, alunos e público interessado com agendamento prévio e sob o acompanhamento dos responsáveis pelo local. A sala 2 abriga muitos documentos, como as bibliotecas do Centro Cultural Euclides da Cunha, do professor Faris Michael, do intelectual Lourival Santos Lima (1914-1988) e do Departamento de História da UEPG (DEHIS).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Sala como acesso restrito do CDPH/UEPG, Luciana Cristina Pinto, 2018.

Nesta sala se encontra, também, o acervo pessoal fonográfico de Alceu Schwab, cuja doação ao CDPH foi feita em 2007 pela sua família. Alceu Schwab (1924-2004) foi um estudioso da música popular brasileira, que reuniu muitos discos de vinil, livros e outros documentos, os quais podem revelar parte da personalidade de uma pessoa que se dedicou ao estudo da música.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021



Acervo Alceu Schwab. Sala como acesso restrito do CDPH/UEPG, Thalia Almeida, 2019.



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Acervo Alceu Schwab. Sala como acesso restrito do CDPH/UEPG, Thalia Almeida, 2019.

O acervo fonográfico conta com mais de três mil discos de artistas como: Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Pixinguinha (1897-1973), Cartola (1908-1980), Adoniran Barbosa (1910-1982), Noel Rosa (1910-1937) e Arthur Moreira Lima (1940), entre muitos outros. Em 2019, a acadêmica do curso de Licenciatura em História, Thalia Edvirgens de Almeida, em seu período de estágio, digitou as fichas de catalogação manuscritas. Estas informações nas tabelas do Excel possibilitam ao pesquisador, por exemplo, cruzar dados e investigar o acervo de maneira mais rápida porque apresentam campos como: título, banda/intérprete, gravadora, selo e ano.²

O trabalho teve continuidade com o estagiário Rafael Fogaça Sabino, então acadêmico do Bacharelado em História, mas foi interrompido no início de 2020 por conta da Pandemia da Covid-19. Para os interessados na história da Música Popular Brasileira e em muitos discos originais em formato vinil, o referido acervo é fonte fértil.

Na terceira sala estão os processos criminais, os jornais e diversos outros tipos de documentos como livros escolares, bibliotecas e demais papéis avulsos. Em 2019, foi realizada uma importante limpeza nas estantes que abrigam os processos criminais e jornais, as quais acumulam muita sujeira. Foram responsáveis por este trabalho os estudantes da UEPG, estagiários do CDPH: Ananda Cristina de Freitas e Rafael Fogaça Sabino, do Bacharelado em História; Thalia Edvirgens Almeida, da Licenciatura em História; e a historiadora e técnica responsável: Luciana Cristina Pinto.

² O Catálogo do Acervo Alceu Schwab está parcialmente digitado e ainda não está disponível para pesquisa online.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Processos criminais. Sala como acesso restrito do CDPH/UEPG, Luciana Cristina Pinto, 2019.

Os historiadores³ precisam dialogar, no cotidiano do trabalho, com outras áreas do conhecimento, como a Arquivística e a Biblioteconomia. Assim, compreendemos como “acervo: documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora”. (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 19). Recorremos à produção acadêmica realizada por esses profissionais, por conta do grande volume de acervos bibliográficos que o CDPH/UEPG abriga. Essa atitude enriquece nosso trabalho, ainda mais quando o historiador está “do outro lado do balcão”, ou seja, o profissional de história que deverá prestar serviços aos pesquisadores e à comunidade em geral” (SCHMIDT, 2008, p. 189).

³ Atualmente, no CDPH/UEPG trabalham duas técnicas responsáveis: a historiadora Ms. Josélia Maria Loyola de Oliveira Gomes e a historiadora Ms. Luciana Cristina Pinto (afastada em período integral para realização do doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Coleção Jornal da Manhã. Sala como acesso restrito do CDPH/UEPG, Luciana Cristina Pinto, 2019.

Os processos criminais e os jornais são fontes bastante importantes porque carregam muitas características locais e, se comparados com outros documentos, possibilitam aos pesquisadores analisar a forma do discurso (jurídico ou jornalístico), os interesses das instituições e de quem escreveu, os temas que foram importantes registrar ou não, e assim, relacionar com contextos mais amplos. Como bibliografia específica para se trabalhar com estes documentos, diante do grande número de informações, eles podem contemplar pesquisas em diferentes níveis, da graduação à pós-graduação, em diferentes recortes temáticos, objetos e temas de investigação.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O fascínio do trabalho no Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG)

O trabalho desenvolvido no CDPH/UEPG é fonte de inspiração diária; basta passar os olhos rapidamente no catálogo dos documentos para perceber o potencial dos arquivos pessoais. Por exemplo, nos variados arquivos de Alceu Schwab (1924-2004), é possível identificar muitas possibilidades de pesquisa histórica.

Pode-se definir arquivo pessoal como o conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades. (BELOTTO, 2006, p. 241)

O trabalho com esses documentos contribui ainda na formação dos vários estagiários do CDPH/UEPG, como forma de complementar o ensino e prepará-los para os desafios que enfrentarão ao longo da carreira: as relações de sociabilidade (com os profissionais e com o público), as tomadas de decisão, o posicionamento crítico diante dos possíveis problemas e, principalmente, o cuidado com as fontes; exemplo disso são os estudantes que mencionamos no texto: Ananda de Freitas, Rafael Sabino, Thalia Almeida e os outros que passaram pelo acervo como aprendizes, que hoje são colegas de profissão.

Outro momento importante do trabalho em Acervos, após a higienização, é pensar nas relações entre o acumulador e seus documentos, ou seja, uma reflexão mais aprofundada da expertise do profissional de acervos, seja o historiador e/ou arquivista, e neste sentido o texto de Luciana Heymann se tornou esclarecedor:

Atentar para o nexos que une o titular a seus “papéis” pode, portanto, auxiliar na compreensão não apenas do como dos documentos, mas também do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

quando, ao apontar para outro aspecto da dimensão temporal de que se revestem os arquivos – os documentos não são guardados de uma vez por todas, eles voltam à tona, são utilizados e podem dar origem a outros. Nesse sentido, o próprio arquivo pode ser a chave para entender o contexto de produção de certos documentos. (HEYMANN, 2007, p. 7)

Pensando de maneira mais ampla, os lugares de guarda e conservação dos documentos são espaços de resistência, e no esforço diário de manutenção para facilitar o acesso aos estudantes e pesquisadores, buscamos preservar a memória e os vestígios do passado. Como mencionamos no início, sobre os casos de incêndios muitas vezes por descaso com estes espaços, há essa falta de investimentos na segurança e manutenção, seja por negligência administrativa ou ainda por desconhecimento da importância da conservação documental no país, com projetos públicos federais, estaduais e municipais que não incluem na pauta o respeito com os lugares de guarda e a relevância para as gerações futuras.

Resistindo “ao grande feitiço dos arquivos privados” (GOMES, 1998. p. 125), todos os demais documentos do CDPH/UEPG, apresentados de forma breve neste momento, mas que nos inspiram diariamente, estamos alerta sobre a manutenção da integridade do corpo documental que possuímos. Olhando para o futuro, precisamos refletir sobre os novos desafios do trabalho em Acervos pós-pandemia da Covid-19. A princípio, sabemos que será uma retomada gradual, com atitudes e cuidados que irão se revelar no dia a dia, mas com a certeza de continuar com o cuidado na limpeza e higiene do espaço, bem como priorizar o acesso dos pesquisadores e estudantes que são um dos pilares na manutenção do nosso trabalho. Os novos e antigos problemas não serão solucionados no curto prazo, mas a busca por solucioná-los reforça a importância dos historiadores em acervos e assim, seguimos combatendo pela História.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em: 10-02-2018.
- BELOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: Tratamento documental**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Cláudia. **Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA (CDPH). Disponível em: <http://pitangui.uepg.br/cdph/historico.php>. Acesso em: 20-01-2018. Novo site: <https://www2.uepg.br/cdph/historico/>.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.
- HEYMANN, Luciana. Procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos do FHC: alguns comentários. In: **Seminário internacional de arquivos pessoais de titulares de cargos públicos: curadoria e tratamento técnico**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: www.cpdoc.fgv.br. p. 7. Acesso em: 10-03-2017.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional. In: **Anos 90**. Porto Alegre, UFRGS, 2008, v. 15, n. 28, p. 187-196.

FONTES IMAGÉTICAS

Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDPH/UEPG). Imagens: Thalia Almeida e Luciana Cristina Pinto, entre 2017 e 2019.